

Clarissa dos Santos Veloso

Luciana Teixeira de Andrade

Gentrificação em Belo Horizonte

uma revisão das teses e dissertações sobre o fenômeno

Resumo

Este artigo traz uma análise da produção acadêmica sobre gentrificação em Belo Horizonte, enfatizando seus aspectos teóricos e metodológicos, seus resultados e suas especificidades. As sínteses sobre gentrificação em grandes cidades latino-americanas indicam que o fenômeno deriva sobretudo de ações do Estado, de políticas urbanas que integram, sobretudo nos centros, preservação patrimonial e incentivo às atividades turísticas, comerciais e de lazer. Pesquisas sobre gentrificação no Brasil mostram que raramente ela está associada a mudanças habitacionais. Os casos do fenômeno em Belo Horizonte diferem desses diagnósticos, apesar de algumas convergências, como a ocorrência de gentrificação de consumo. Gentrificação residencial marginal e de nova construção foram identificadas em bairros da cidade, assim como casos de não ocorrência de gentrificação e da resistência ao fenômeno.

Gentrificação

Belo Horizonte

Revisão sistemática

Abstract

This paper presents an analysis of the academic production on gentrification in Belo Horizonte, emphasizing its theoretical and methodological aspects, its results, and its specificities. Reviews on gentrification in large Latin American cities indicate that the phenomenon derives mainly from State actions, from urban policies that integrate, especially in the centers, heritage preservation and incentive to tourism, commercial and leisure activities. Research on gentrification in Brazil shows that it is rarely associated with housing. The cases of the phenomenon in Belo Horizonte differ from these diagnoses, despite some convergences, such as the occurrence of gentrification of consumption. Marginal gentrification and new-built gentrification were identified in neighborhoods of the city, as well as cases of non-occurrence of gentrification and resistance to the phenomenon.

Gentrification

Belo Horizonte

Systematic review

INTRODUÇÃO

Este artigo é produto do levantamento e da revisão da produção acadêmica sobre gentrificação em Belo Horizonte. Enfatizamos aspectos teóricos e metodológicos e especificidades dos achados das investigações sobre esse tema que tiveram como objeto de pesquisa alguns espaços da capital mineira.

As sínteses de investigações sobre gentrificação em grandes cidades brasileiras e latino-americanas indicam que ela deriva sobretudo de ações do Estado. Trata-se de um fenômeno induzido que tem a ver com políticas urbanas que integram, sobretudo nos centros históricos, preservação patrimonial e incentivo às atividades turísticas, comerciais e de lazer (BETANCUR, 2014; JANOSCHKA *et al.*, 2014; TEIXEIRA, 2020). Os diagnósticos sobre gentrificação no Brasil enfatizaram que raramente ela está associada a mudanças habitacionais que reflitam a sua forma mais corrente nos países do norte global (RUBINO, 2009).

Nesse sentido, este artigo realizou uma análise dos estudos sobre a gentrificação em Belo Horizonte a partir das seguintes questões: como a gentrificação foi abordada e investigada? Quais formas do fenômeno foram identificadas e que tipos de espaços, grupos sociais e atores foram analisados? Quais as especificidades dos achados em contraste com casos de outras cidades?

As investigações sobre gentrificação aqui utilizadas são oriundas de um levantamento de estudos urbanos sobre Belo Horizonte e sua região metropolitana realizado em repositórios *online* dos programas de pós-graduação das ciências sociais e humanas da PUC Minas e da UFMG. Este artigo traz uma revisão de oito teses e dissertações sobre gentrificação na capital mineira e está organizado em três partes, além desta introdução. Na primeira, trata das definições da gentrificação e dos diagnósticos sobre o fenômeno na América Latina e no Brasil. Em seguida, discorre sobre a metodologia utilizada e retoma os estudos selecionados para uma análise que tem como roteiro as questões acima enunciadas. Por fim, tece algumas considerações sobre os diálogos entre os casos de gentrificação em Belo Horizonte e em outras cidades brasileiras e latino-americanas.

A gentrificação em Belo Horizonte tem sido objeto de estudos mais sistemáticos desde meados da década de 2000. As pesquisas sobre o tema tiveram como recorte empírico privilegiado as áreas centrais, compreendidas como o centro histórico e alguns bairros do seu entorno. Foram objeto de estudos tanto o centro histórico e os resultados das iniciativas para sua requalificação ao longo do tempo (JAY-

ME; NEVES, 2010; JAYME; TREVISAN, 2012; MOREIRA, 2008; HOFFMAN, 2014; BERQUÓ, 2015; SALLES, 2019) quanto bairros pericentrais, como Santa Tereza, Floresta e Anchieta (ANDRADE; MENDONÇA, 2020; ASSIS, 2020, VELOSO, 2020).

GENTRIFICAÇÃO: ORIGENS, AMPLIAÇÕES DO CONCEITO E LEITURAS SOBRE O FENÔMENO NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL

Se inicialmente a gentrificação foi um processo estudado nas cidades anglo-saxãs, posteriormente os estudos se generalizaram, o que contribuiu para o conhecimento de formas distintas de manifestação, assim como da relevância dos contextos históricos, sociais, culturais e econômicos. O termo gentrificação foi criado na década de 1960 para caracterizar mudanças no perfil habitacional e de estoque imobiliário em determinados distritos londrinos (GLASS, 1964). Pessoas de *status* mais elevados começaram a se mudar para locais onde antes só moravam trabalhadores, processo que elevou o preço dos imóveis, aluguéis e serviços e que acabou expulsando os antigos moradores de classe operária.

A partir de 1980, a noção de gentrificação foi ampliada para abarcar outras transformações, estas ligadas aos setores de comércio, serviços, lazer e turismo, isto é, outras dimensões para além da residencial. Surgiram reflexões sobre os novos espaços de classes médias nos centros para o consumo, a circulação, o turismo e a diversão. A sua forma residencial pode (ou não) estar atrelada às políticas urbanas de recuperação de áreas centrais e históricas reconhecidas e protegidas como patrimônio por órgãos nacionais e internacionais, como a UNESCO, à diminuição de instalações manufatureiras no centro da cidade, à ascensão de complexos de hotéis e centros de convenções, à criação de escritórios centrais nas cidades, bem como à emergência de modernos distritos de lojas, bares, cafés e restaurantes (SMITH; WILLIAMS, 1986; LEES *et al.*, 2008).

Os primeiros estudos sobre gentrificação em cidades latino-americanas surgiram no final dos anos 1990. O trabalho de Jones e Varley (1999) sobre o processo de conservação do centro histórico de Puebla, no México, é um dos pioneiros. No Brasil, os precursores foram os estudos de Pinho (1996) sobre a zona do Pelourinho, em Salvador, cujos projetos de recuperação e valorização histórica tiveram início em 1970, com continuidades e rupturas nas décadas subsequentes, e de Pio (2001) sobre o centro his-

tórico do Rio de Janeiro, onde teve lugar o Projeto Corredor Cultural a partir de meados dos anos 1980.

Análises que sintetizam os contornos da gentrificação na América Latina foram feitas por Janoschka *et al.* (2014), John Betancur (2014) e Teixeira (2020), que enfatizaram os casos do fenômeno em cidades grandes e cosmopolitas, como Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires, Santiago do Chile e Cidade do México. Segundo os diagnósticos desses autores, a gentrificação na América Latina deriva sobretudo de ações do Estado, uma espécie de gentrificação induzida que tem a ver com intervenções que integram preservação patrimonial com incentivo às atividades turísticas, comerciais e de lazer. O Estado, como principal promotor das intervenções, assume a maior parte dos custos, riscos e responsabilidades relativos à infraestrutura urbana, à reforma de monumentos e edificações e à garantia de segurança pública. A expectativa é que essas ações, muitas vezes integradas a programas de incentivos fiscais, atraíam o setor privado visando a autossustentação do processo, o que nem sempre acontece. Poder público e iniciativa privada se associam por meio de parcerias para compartilhar o custeio e o gerenciamento dos projetos, que também costumam contar com assistência financeira de agências internacionais, tais como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Banco Mundial (BETANCUR, 2014; JANOSCHKA *et al.*, 2014; TEIXEIRA, 2020).

Ao sintetizar os traços das gentrificações latino-americanas, essas análises apontam tipos e características do fenômeno que podem ser resumidos pelos seguintes pontos: gentrificação simbólica, impulsionada por políticas que resgatam o patrimônio arquitetônico dos centros e bairros históricos das cidades; gentrificação voltada para o lazer e o turismo; gentrificação estatal, com estreita relação com projetos de revitalização e megaeventos; gentrificação de favelas e de cidades históricas, devido à atividade de novos mercados imobiliários. Além disso, muitos estudos se voltam para os movimentos que visam barrar a gentrificação (BETANCUR, 2014; JANOSCHKA *et al.*, 2014; TEIXEIRA, 2020).

Tais estudos na América Latina também relativizaram a incidência da gentrificação residencial, uma vez que as principais manifestações estão relacionadas aos setores de consumo, lazer e turismo. Associada ao espaço e ao tempo, a gentrificação de consumo nem sempre é acompanhada por mudanças nas dinâmicas residenciais, com a substituição de moradores de classes populares por grupos de classes médias e altas (BETANCUR, 2014; JANOSCHKA *et al.*, 2014; TEIXEIRA, 2020).

Em vários casos, o que acontece é a produção e a

promoção de lugares para consumo turístico, cultural e comercial, acarretando formas de apropriação por parte de estratos sociais mais altos, se comparados com usuários mais antigos. Esses novos usos convivem com ocupações dos espaços públicos por parte de classes populares, pré-existentes às intervenções e contrárias aos seus objetivos. Os antigos usos e usuários são frequentemente taxados como inapropriados, tornando-se objeto de recriminação e remoção por parte do poder público e dos investidores e ele associados (LEITE, 2007; FRÚGOLI JR.; SKLAIR, 2009). Comércio informal, vendedores ambulantes, prostituição, população em situação de rua, tráfico e consumo de drogas são exemplos de práticas e sujeitos que sofrem ações de repressão, fiscalização e controle em espaços urbanos revitalizados nas grandes cidades latino-americanas. Nota-se a relação entre as intervenções urbanas, a normalização dos usos dos espaços públicos e ações de cunho higienista (FRÚGOLI JR.; SKLAIR, 2009; MELÉ, 2006).

Essa gentrificação comercial, no entanto, por vezes se configura como fenômeno frágil e efêmero em localidades onde foi identificada e investigada. Sua volatilidade se dá, por um lado, por depender da promoção de eventos e de usos temporários por parcelas da população que possuem capitais para acessá-los. Por outro lado, é frágil porque nem sempre os lugares criados para o consumo atraem e/ou fidelizam, a longo prazo, os investidores e os consumidores necessários para a manutenção da animação cultural dos novos lugares de encontro, lazer e diversão (LEITE, 2007; 2010; VELOSO; ANDRADE, 2019; AL-CANTARA, 2019).

Ainda quanto à ocorrência de gentrificação residencial, Betancur (2014) destaca que há nas cidades latino-americanas um baixo contingente de potenciais gentrificadores, isto é, de sujeitos das classes médias com preferência pela vida no centro. Esse grupo normalmente opta por se fixar em condomínios fechados horizontais ou verticais localizados em áreas periféricas e centrais, mas não necessariamente nos bairros antigos e centrais. No caso de cidades brasileiras, a oferta e proliferação de moradia em condomínios, localizados em áreas suburbanas, convivem com a permanência de estratos médios e altos da sociedade em partes centrais que dispõem, historicamente, de infraestrutura e oferta de bens e serviços atraentes para os estratos sociais mais altos (RUBINO, 2009; CALDEIRA, 2011).

Silvana Rubino (2009) argumentou que o déficit habitacional no Brasil não incide de forma significativa sobre os estratos médios. Assim, na hora de escolher onde morar, esses estratos têm opções de locais para além de bairros de áreas centrais, que poderiam

ser gentrificados se houvesse demanda e interesse desses grupos por essas partes da cidade. Ainda assim, esses estudiosos (BETANCUR, 2014; JANOSCHKA *et al.*, 2014; TEIXEIRA, 2020; RUBINO, 2009) consideraram a possibilidade de formas residenciais do fenômeno e sugeriram pesquisas sobre outras de suas formas.

Em seus estudos na cidade de Bruxelas, Van Crieelingen identificou um tipo de gentrificação que ele chamou de marginal. Nas suas palavras, trata-se de um

processo pelo qual certos bairros centrais são tomados por uma população jovem, muito escolarizada, globalmente mais abastada que os antigos moradores, sem, no entanto, serem “os ricos” na escala da cidade. A gentrificação marginal não é um estágio transitório para a chegada de uma gentrificação total a mais ou menos curto prazo. (2006, p. 100)

Em diálogo com a gentrificação residencial marginal, alguns estudos no Brasil têm tratado da entrada de parcelas de residentes de classe média com maior capital cultural, como estudantes universitários e jovens profissionais, tanto em regiões centrais de grandes cidades (VELOSO, 2020; ALCANTARA, 2019; RIBEIRO, 2014) quanto em áreas patrimoniais de cidades de pequeno porte (ZOLINI, 2007). A gentrificação por nova construção, por sua vez, é outra forma do fenômeno abordada, mas não ocorre pela valorização de imóveis antigos e degradados, mas pela construção de novas edificações (DAVIDSON; LEES, 2009; PEREIRA, 2017). Esse é o caso do estudo de Assis (2020) sobre um bairro belo-horizontino, conforme veremos na próxima seção.

O QUE REVELAM OS ESTUDOS SOBRE A GENTRIFICAÇÃO EM BELO HORIZONTE?

As teses e dissertações sobre gentrificação em Belo Horizonte aqui analisadas integram um levantamento mais amplo, que abarcou a produção acadêmica sobre temas urbanos que tiveram a capital mineira e sua região metropolitana como objeto. Elas foram produzidas em programas de pós-graduação de ciências humanas e ciências sociais aplicadas¹ da UFMG

1 Os seguintes programas de pós-graduação da UFMG e da PUC Minas foram incluídos no nosso levantamento: Ambiente Construído e Patrimônio, Arquitetura, Antropologia,

e da PUC Minas² entre 1991 e 2020. O levantamento foi realizado nos repositórios *online* das duas universidades e chegou a 670 produções, que foram classificadas a partir de 25 categorias de temas. A classificação temática foi feita pelos títulos, palavras-chave e resumos das produções.

Desse total, interessam para este artigo sete dissertações e uma tese cujas temáticas centrais são processos de gentrificação em Belo Horizonte. Com as dissertações e a tese na íntegra, em formato PDF, adotamos uma estratégia de revisão que consistiu em duas etapas. Primeiro, elaboramos um guia de fichamento, a ser preenchido ao longo da leitura de cada trabalho e baseado nas seguintes perguntas: como a gentrificação foi abordada e investigada? Quais formas do fenômeno foram identificadas e que tipos de espaços, grupos sociais e atores foram analisados? Quais as especificidades dos achados em contraste com casos de outras cidades?

Em seguida, revisamos e analisamos esse conjunto de investigações a partir de cinco dimensões: aspectos institucionais (ver Quadro 1); espaços da cidade que foram objeto de estudo; quadro teórico-metodológico das investigações; resultados das pesquisas; e diálogos entre os casos de Belo Horizonte e de outras cidades.

Cinco investigações sobre gentrificação em Belo Horizonte foram conduzidas no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC Minas e três na UFMG, sendo uma no Programa de Pós-Graduação em História e duas no Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável. Trata-se de uma produção recente sobre a cidade e suas transformações socioespaciais. Os oito trabalhos foram defendidos entre 2019 e 2020. Ao analisarmos os objetos empíricos dessas investigações, constatamos que os pesquisadores privilegiaram bairros e espaços públicos da cidade.

Dos quatro bairros estudados, três — Lagoinha, Bonfim e Floresta — estão entre as localidades mais antigas de Belo Horizonte, que foram ocupadas desde os primeiros anos da cidade. Seus primeiros habitantes foram operários, atraídos pela possibilidade de moradias de baixo custo, e grupos dos estratos médios (AGUIAR, 2006; ANDRADE; ARROYO, 2012). Além da proximidade com o centro da cidade

Ciência das Religiões, Ciência Política, Ciências Sociais, Comunicação Social, Demografia, Direito, Educação, Estudos do Lazer (Ed. Física), Geografia, História, Psicologia, Relações Internacionais e Sociologia.

2 O levantamento foi feito também em outras instituições menores que possuem mestrado, mas a produção era bastante diminuta quando comparada à da UFMG e da PUC Minas, o que nos levou a trabalhar com essas duas universidades.

de, são hoje bairros reconhecidos oficialmente como patrimônio da cidade pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte (CDPCM-BH). O quarto bairro onde a gentrificação foi tema de estudo, o Anchieta, localiza-se na porção centro-sul de Belo Horizonte, que foi ocupada mais tardiamente, a partir da segunda metade do século XX. Isso se deve, entre outros fatores, ao acesso mais difícil, se comparado à situação de outros bairros próximos ao centro (AGUIAR, 2006). Hoje, o Anchieta abriga sobretudo estratos médios e altos (ANDRADE *et al.*, 2015).

Além de bairros, praças e ruas centrais de Belo Horizonte foram objeto de estudo de quatro dissertações. As transformações socioespaciais analisadas nessas localidades guardam relações com intervenções e projetos urbanísticos do poder público realizados a partir do final dos anos 1990 e início dos anos 2000 — como o Eixo Cultural Rua da Bahia Viva, Rua da Bahia 24 horas e o Programa Centro Vivo —, bem como com ações que envolveram parcerias público-privadas. Esse é o caso do estudo sobre o Cine Teatro Brasil Vallourec, que analisou a possibilidade e capacidade desse equipamento cultural de alterar as dinâmicas cotidianas consolidadas na região da Praça Sete (SALLES, 2019).

Ao nos determos nos aspectos metodológicos das dissertações e da tese, observamos que uma hipótese geral que guiou parte dos estudos é a verificação da ocorrência de gentrificação. Todas as investigações adotaram técnicas qualitativas de coleta, tratamento e análise de dados, com destaque para a análise documental, entrevista e observação. A pesquisa documental englobou sobretudo leis, decretos, regulamentações, projetos, relatórios, dossiês de tombamento e registros históricos, bem como materiais jornalísticos, de redes sociais e iconográficos. Entrevistas e observação participante, quando empregadas, enfatizaram a apreensão das narrativas de atores sociais — usuários dos espaços-objeto de pesquisa (moradores, comerciantes, frequentadores, lideranças comunitárias etc.) — e institucionais, como técnicos e representantes do poder público e agentes do mercado e da iniciativa privada.

Uma tese e uma dissertação, sobre os bairros Floresta e Anchieta respectivamente, utilizaram dados secundários do Censo, do cadastro do Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU) e do cadastro do Imposto sobre a Transmissão de Bens Imóveis (ITBI) a fim de caracterizar a composição social dos bairros e os seus estoques de imóveis ao longo do tempo (VELOSO, 2020; ASSIS, 2020).

Quadro 1: Teses e dissertações sobre gentrificação em Belo Horizonte

Título	Tipo de trabalho	Área de conhecimento	Universidade	Ano de defesa	Autor(a)
Patrimônio cultural e revitalização urbana: usos, apropriações e representações da Rua dos Caetés, Belo Horizonte	Dissertação	Ciências Sociais	PUC Minas	2008	Corina Maria Rodrigues Moreira
A cultura e o resgate simbólico de áreas centrais: o caso do Cine Brasil e seus efeitos em Belo Horizonte	Dissertação	Ciências Sociais	PUC Minas	2019	Renata de Leorne Salles
Mudanças residenciais e comerciais: um estudo sobre processos de renovação urbana no bairro Anchieta, Belo Horizonte	Dissertação	Ciências Sociais	PUC Minas	2020	Livia Matos Lara de Assis
Resistência cultural e juventudes na Praça da Estação: ativismos urbanos e transformações espaciais a partir da cultura e do lazer	Dissertação	Ciências Sociais	PUC Minas	2020	Paula de Senna Figueiredo
Um bairro patrimonial: dinâmicas residenciais e comerciais do Floresta, em Belo Horizonte	Tese	Ciências Sociais	PUC Minas	2020	Clarissa dos Santos Veloso
Subir Bahia: uma rua na encruzilhada da memória patrimonial e de novas escritas urbanas	Dissertação	História	UFMG	2015	João Marcos Veiga
Resistência à gentrificação? Estudo de caso do bairro Bonfim em Belo Horizonte	Dissertação	Arquitetura e Urbanismo	UFMG	2019	Lawrence Faria Starling Solla
Cartografia das Controvérsias na região Lagoinha	Dissertação	Arquitetura e Urbanismo	UFMG	2020	Gabriela Campelo Aragão Bitencourt

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados da pesquisa "A produção sobre o urbano em BH e na RMBH em três décadas (1991-2020)".

Informações sobre o padrão de acabamento dos imóveis residenciais permitiram que Assis (2020) apontasse o gradual e crescente processo de sofisticação de moradias no Anchieta, voltadas para estratos sociais mais altos. No caso do bairro Floresta, os efeitos do tombamento, somados à manutenção do padrão de acabamento de apartamentos residenciais, voltados para grupos médios, têm reforçado a atração desse estrato social para o bairro e a sua predominância entre os residentes (VELOSO, 2020). As diferenças entre novos e antigos moradores do bairro são de outra ordem, como veremos mais adiante.

Quanto aos resultados, os estudos se dividem em três grupos: primeiro, os que identificaram processos de gentrificação em curso; segundo, aqueles que versam sobre resistências à gentrificação ou sobre anti-gentrificação sem, no entanto, descartar seus indícios e possível concretização no futuro; e, por fim, estudos que negam a ocorrência de gentrificação.

São dois os estudos que identificaram processos de gentrificação em curso: a tese de Veloso (2020) sobre o bairro Floresta e a dissertação de Assis (2020) sobre o bairro Anchieta. No primeiro caso, a análise tratou de mudanças nas dimensões residencial e comercial do bairro, protegido como conjunto urbano patrimonial da cidade. Ao falar de gentrificação cultural e marginal (CRIEKINGEN, 2006) em curso no bairro, Veloso (2020) trata dos perfis e estilos de vida de residentes recém-chegados, destacando a presença de jovens adultos detentores de mais capital cultural do que econômico em relação aos que já ocupam o bairro. As diferenças encontradas entre novos e antigos moradores são de esferas culturais, relativas aos gostos, e não às suas posições em estratos sociais. Até o momento do estudo não foi identificado um processo de expulsão de outros grupos de classes sociais mais baixas, isto é, trata-se de uma mudança que não chegou a alterar o perfil do bairro, mas cujos desdobramentos precisariam ser acompanhados.

A tese também abordou as dinâmicas comerciais de uma rua próxima ao centro da cidade, a Rua Sapucaí e suas imediações, onde se observou um processo de gentrificação comercial e de consumo (VELOSO, 2020). Ele levou à substituição do pequeno comércio local por negócios para o lazer e a diversão voltados para consumidores com maior capital econômico e cultural, jovens de classe média moradores da zona sul, onde se concentram residentes de estratos sociais médios e altos (ANDRADE *et al.*, 2015). As descobertas a partir da Rua Sapucaí reforçam a interpretação da gentrificação comercial como um fenômeno volátil e frágil. Volatilidade porque a gentrificação comercial acontece em períodos específicos do dia

e da semana, consoante o funcionamento dos estabelecimentos comerciais e das atividades que ocorrem na rua (LEITE, 2010). Frágil por estar sujeita a transformações repentinas, como o aumento descontrolado do número de pessoas e o encerramento das atividades de alguns bares e restaurantes. São essas as circunstâncias que comprometem o *status* da rua de centro urbano de diversão (VELOSO, 2020).

A dissertação de Assis (2020) trata da gentrificação por nova construção em curso no bairro Anchieta. Diferentemente do Floresta, no Anchieta não há nenhum tipo de proteção urbanística especial. A maior liberalidade das políticas urbanas de uso do solo tem permitido renovação do estoque imobiliário, de modo que o bairro passe por um processo acelerado de substituição de suas antigas residências por edifícios de apartamentos que atraem os estratos mais altos da classe média, processo denominado como gentrificação por nova construção. Assis (2020) destaca que, apesar de o mercado imobiliário ser o protagonista desse processo, o Estado não está ausente, uma vez que a legislação do bairro não apresenta empecilhos para as construções e especulação imobiliária. Diferentemente de outros bairros, os moradores não se opuseram a essas mudanças.

O segundo grupo de trabalhos inclui três das dissertações analisadas. Elas tratam das resistências à gentrificação encabeçadas pelos movimentos sociais. De maneira antecipada e preventiva, eles reagiram aos primeiros indícios da gentrificação manifestos a partir da discussão ou da implementação de políticas urbanas e/ou da ação do mercado imobiliário. Esse é o caso dos estudos sobre políticas urbanas, especulação imobiliária e mobilização popular nos bairros Bonfim e Lagoinha (SOLLA, 2019; BITENCOURT, 2020), assim como da abordagem de Figueiredo (2020) sobre os coletivos de cultura na região da Praça da Estação, localizada no centro da cidade. No caso dos bairros Lagoinha e Bonfim, a hipótese de processos de gentrificação em curso foi refutada, mas ambos os estudos apontaram em seus resultados que a situação pode se reverter em função da aprovação de novas políticas urbanas de cunho gentrificador e da ação do mercado imobiliário em contextos de enfraquecimento da mobilização social das resistências.

O terceiro grupo de estudos não identificou a ocorrência de gentrificação. São eles: as investigações de Moreira (2008) sobre a Rua dos Caetés, de Veiga (2015) sobre a Rua da Bahia e de Salles (2020) sobre o Cine Teatro Brasil e suas imediações. O primeiro demonstrou que as ações de revitalização do Programa Centro Vivo, com reforma das edificações históricas, valorização dos espaços públicos com alar-

gamento das calçadas e reforma do mobiliário na referida via urbana, não afetaram os usos e ocupações tradicionais (MOREIRA, 2008). No caso da dissertação sobre a Rua da Bahia e das intervenções urbanísticas que remetem tanto à infraestrutura da via e de suas edificações quanto à sua memória e às atividades de estabelecimentos comerciais tradicionais, as conclusões também apontam para uma não gentrificação (VEIGA, 2015). A Rua da Bahia não logrou uma mudança nas suas formas de uso a partir das múltiplas intervenções, que incluíram tombamentos de imóveis, criação de equipamentos culturais e reforma de monumentos e calçadas, entre outras ações realizadas a partir dos anos 1990. Segundo Veiga (2015), a Rua da Bahia continua exercendo papel de ligação do tráfego, com poucos espaços de lazer ao nível da rua e com comércio popular e de serviços. A efervescência artística de seus museus, centros culturais e de alguns estabelecimentos de gastronomia e lazer é reclusa das portas para dentro e dialoga cada vez menos com as calçadas.

Em ambos os estudos, sobre as ruas dos Caetés e da Bahia (MOREIRA, 2008; VEIGA 2015), as revitalizações do centro de Belo Horizonte realizadas pelo poder público municipal foram interpretadas como ações que não promoveram a gentrificação. Esses resultados têm relação, em parte, com um cuidado do poder público nas suas intervenções, de forma a evitar a gentrificação, mas também devido ao escopo pontual dessas mudanças, sem muita capacidade de expansão, até mesmo para os espaços adjacentes.

A pesquisa de Salles (2020) tratou da reinauguração do Cine Brasil, um antigo cinema de rua transformado em casa de shows e exposições, através da articulação entre atores públicos e privados. A partir de representações contemporâneas do público e de usuários da região sobre o equipamento cultural e o local onde está, no centro de Belo Horizonte, ela analisou os efeitos da nova instituição no espaço público. Os resultados indicaram a frequência noturna, pontual e esporádica de um público mais elitizado em relação aos demais frequentadores dos bares e do comércio da região, atraído pela oferta cultural, que, por sua vez, não tem sido capaz de alterar as dinâmicas populares cotidianas já consolidadas naquela região e, portanto, não leva à gentrificação de tipo comercial ou de consumo (SALLES, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tratou de aspectos teóricos e metodológicos e de resultados de investigações sobre gentrificação que tiveram como objeto de pesquisa alguns

espaços da capital mineira. A partir da produção analisada — sete dissertações e uma tese —, observamos que as pesquisas já feitas sobre o tema tomaram a gentrificação como uma hipótese, refutada na maior parte dos casos e testada a partir de abordagens qualitativas das mudanças socioespaciais em curso. Ainda assim, mesmo as conclusões sobre antigentrificação não descartam totalmente os seus indícios e possível concretização no futuro.

Nos casos em que foi identificado, o fenômeno assume principalmente as formas comercial e de consumo. A ocorrência de gentrificação está atrelada tanto às políticas urbanísticas de revitalização e patrimonialização de espaços históricos e simbólicos que são promovidas pelo poder público, quanto aos interesses e ações da iniciativa privada, posteriormente envolvida no processo. Esses resultados reforçam o que foi encontrado por outros estudos no Brasil e na América Latina, mas trazem algumas novidades.

A literatura sobre gentrificação em Belo Horizonte abordou a sua dimensão residencial. Em uma dissertação e uma tese, a utilização de dados secundários para análise da dinâmica residencial de bairros e abordagens qualitativas sobre mudanças na sua composição social ao longo do tempo relacionaram entrada e saída de moradores e transformações no estoque imobiliário à gentrificação marginal e de nova construção. Essa última é uma novidade em relação a outros referenciais, ligados principalmente ao patrimônio cultural. Ao sugerir o acompanhamento dos desdobramentos dessas formas de gentrificação, esses estudos reforçam o caráter gradual do fenômeno. Por fim, vale ressaltar a diversidade de atores envolvidos, que vão desde o mercado imobiliário e as políticas urbanas, até moradores, consumidores e movimentos sociais.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Tito Flávio Rodrigues. **Vastos subúrbios da nova capital**: formação do espaço urbano na primeira periferia de Belo Horizonte. Belo Horizonte: UFMG, 2006. 312f. Tese (doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais.
- ALCÂNTARA, Maurício Fernandes. Gentrificação e hipsterização: um estudo sobre a Vila Buarque (São Paulo, Brasil). **Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia**, v2, n6, p. 31-48, novembro de 2019. ISSN 2526-4702.
- ANDRADE, L. T.; MENDONÇA, J. G. Urban policies, mobility and gentrification in two neighbourhoods of Belo Horizonte. **Revista Sociologia E Antropologia**, v. 10, p. 561-586, 2020.

- ANDRADE, Luciana Teixeira de; ARROYO, Michele Abreu. **Bairros pericentrais de Belo Horizonte. Patrimônio, territórios e modos de vida.** Belo Horizonte: PUC Minas, 2012.
- ANDRADE, Luciana Teixeira de; MENDONÇA, Jupira Gomes de; DINIZ, Alexandre Magno Alves (Org.) **Belo Horizonte: transformações na ordem urbana.** Belo Horizonte: PUC Minas, 2015.
- ASSIS, Livia Matos Lara de. **Mudanças Residenciais e Comerciais: um estudo sobre processos de renovação urbana no bairro Anchieta.** Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais PUC Minas. Belo Horizonte, 2020.
- BERQUÓ, Paula Bruzzi. **A ocupação e a produção de espaços biopotentes em Belo Horizonte: entre rastros e emergências.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, 2015.
- BETANCUR, Jon J. Gentrification in Latin America: Overview and critical analysis. **Urban Studies Research**, 2014.
- BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de ‘revitalização’ dos centros urbanos.** São Paulo: Annablume, 2006.
- BITENCOURT, Gabriela Campelo Aragão. **Cartografia das Controvérsias na região Lagoinha.** Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Belo Horizonte: UFMG, Escola de Arquitetura, 2020.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo.** São Paulo: Editora 34/Edusp, 2011.
- CRIKINGEN, Mathieu Van. A cidade revive: formas, políticas e impactos da revitalização residencial em Bruxelas. In: BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (Org). **De volta à cidade.** São Paulo: ANNABLUME, 2006. p. 89-120.
- DAVIDSON, Mark; LEES, Loretta. New-build gentrification: its histories, trajectories, and critical geographies. **Population, Space and Place**, v. 16, n. 5, p. 395-411, 2009
- FIGUEIREDO, Paula de Senna. **Na Praça da Estação: ativismos urbanos e transformações espaciais a partir da cultura e do lazer.** Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Belo Horizonte, PUC Minas, 2020.
- FRÚGOLI JR., Heitor; SKLAIR, Jessica. O bairro da Luz em São Paulo: questões antropológicas sobre o fenômeno da gentrification. **Cuadernos de Antropología Social**, 30, 2009.
- GLASS, Ruth. **Aspects of Change.** Londres: MacGibbon and Kee, 1964.
- HOFFMAN, Felipe Eleutério. Museus e revitalização urbana: o Museu de Artes e Ofícios e a Praça da Estação em Belo Horizonte. **Cad. Metrópole**, 16 (32), nov. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2014-3211>. Acesso em: 14 dez. 2022.
- JANOSCHKA, Michael; SEQUERA, Jorge; SALINAS, Luis. Gentrification in Spain and Latin America – A critical dialogue. **International Journal of Urban and Regional Research**, vol. 38, n. 4, p. 1234-1265, 2013.
- JAYME, Juliana Gonzaga; NEVES, Magda de Almeida. Cidade e espaço público: política de revitalização urbana em Belo Horizonte. **Caderno CRH [online]**. 2010, v. 23, n. 60
- JAYME, Juliana Gonzaga; TREVISAN, Eveline. Intervenções urbanas, usos e ocupações de espaços na região central de Belo Horizonte. **Civitas**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 359-377, mai./ago. 2012.
- JONES, G.; VARLEY, A. The reconquest of the historic centre: urban conservation and gentrification in Puebla, México. **Environment and Planning**, v. 31, n. 9, p. 1547-1566, 1999.
- LEES, Loretta; SLATER, Tom; WYLY, Elvin K. **Gentrification.** New York: Routledge/Taylor & Francis Group, 2008.
- LEITE, R. P. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea.** Campinas: Ed. da Unicamp; Aracaju: Ed. da UFS, 2007.
- LEITE, Rogerio Proença. A exaustão das cidades: antienobrecimento e intervenções urbanas em cidades brasileiras e portuguesas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]**. 2010, v. 25, n. 72 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092010000100006>. Acesso em: 12 dez. 2022.
- MELÉ, Patrice. (Re)investir nos espaços centrais das cidades mexicanas. In: BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (Org). **De volta à cidade.** São Paulo: ANNABLUME, 2006. p. 197-228.
- MOREIRA, Coria Maria Rodrigues. **Patrimônio cultural e revitalização urbana: usos, apropriações e representações da Rua dos Caetés, Belo Horizonte.** Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Belo Horizonte, PUC Minas, 2008.
- PEREIRA, Patrícia. A transformação da zona ribeirinha oriental de Lisboa: um caso de gentrificação por nova construção. **Revista EURE**, 30 (130),

- 2017, p 47-71.
- PINHO, O. S. de A. **Descentrando o Pelô**: narrativas, territórios e desigualdades raciais no Centro Histórico de Salvador. Dissertação de mestrado, Campinas, Departamento de Antropologia, IFCH/Unicamp, 1996.
- PIO, L. G. **Cidade como patrimônio**: revitalização e preservação no centro histórico do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: UERJ, PPCIS, 2001.
- RIBEIRO, Daniel de Albuquerque. Reflexões sobre o conceito e a ocorrência do processo de gentrificação no Parque Histórico do Pelourinho, Salvador – BA. **Cadernos Metrôpole** [online], v. 16, n. 32, 2014.
- ROBINSON, J. **Ordinary Cities**: Between Modernity and Development. London, Routledge, 2006
- ROY, A. The 21st-Century Metropolis: new geographies of theory. **Regional Studies**, [S.L.], v. 43, n. 6, p. 819-830, jul. 2009.
- RUBINO, Silvana. Enobrecimento Urbano. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério (Org.). **Plural de cidade**: novos léxicos urbanos. Coimbra: Almedina, p. 25-40, 2009.
- SALLES, Renata Leone. **Cidade e espaço público**: política de revitalização urbana em Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Belo Horizonte, 2019.
- SLATER, Tom. **Gentrification of the city**. In: BRIDGE, Gary; WATSON, Sophie (Ed.). *The New Blackwell Companion to the City*. Blackwell Publishing, 2011.
- SMITH, Neil; WILLIAMS, Peter. Alternatives to orthodoxy: invitation to a debate. In: SMITH, Neil; WILLIAMS, Peter. **Gentrification of the city**. London: Unwin Hyman, 1986, p. 1-12.
- SOLLA, Lawrence Faria Starling. **Resistência à gentrificação? Estudo de caso do bairro Bonfim em Belo Horizonte**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Belo Horizonte: UFMG, Escola de Arquitetura, 2019.
- TEIXEIRA, Eduardo Tomazine. Gentrificação na América Latina: Rumos do Debate e Traços Distintivos do Fenômeno no Continente. **Espaço Aberto**, v. 10, n. 1, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36403/espacoaberto.2020.28880>. Acesso em: 14 dez. 2022.
- VEIGA, João Marcos. **Subir Bahia**: uma rua na encruzilhada da memória patrimonial e de novas escritas urbanas. Dissertação de Mestrado em História. Belo Horizonte: UFMG, 2015.
- VELOSO, Clarissa dos Santos. **Um bairro patrimonial**: dinâmicas residenciais e comerciais do Floresta, em Belo Horizonte. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Belo Horizonte, PUC Minas, 2020.
- VELOSO, Clarissa dos Santos; ANDRADE, Luciana Teixeira de. Sapucaí Street: Entertainment Hub and Commercial Gentrification in Belo Horizonte. **Int Journal Sociology of Leisure**, 2, 43-61, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s41978-018-00032-w>. Acesso em: 14 dez. 2022.
- ZOLINI, Gustavo Pimenta de Pádua. **A inflexão do conceito de gentrificação em conjuntos urbanos patrimoniais em cidades de pequeno porte**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Belo Horizonte: UFMG, Escola de Arquitetura, 2007. ■

Clarissa dos Santos Veloso é socióloga, professora substituta no Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRB. Pesquisadora da Universidade de Bolonha e do Observatório das Metrôpoles. clarissaveloso25@gmail.com

Luciana Teixeira de Andrade é socióloga, professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC Minas. Pesquisadora do CNPq, Observatório das Metrôpoles, Fapemig e FIP da PUC Minas. lucianatandrade1@gmail.com